

GUSTAVO CERBASI

AUTOR DE CASAIS INTELIGENTES ENRIQUECEM JUNTOS

A RIQUEZA DA VIDA SIMPLES



Como escolhas mais inteligentes
podem antecipar a conquista de seus sonhos



SEXTANTE

A RIQUEZA DA VIDA SIMPLES

GUSTAVO CERBASÍ

A RIQUEZA DA
VIDA SIMPLES



SEXTANTE

Copyright © 2019 por Gustavo Cerbasi

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

ORIENTAÇÕES AO LEITOR: As sugestões feitas neste livro são baseadas em regras de aplicação geral e não podem acarretar qualquer tipo de responsabilidade do autor ou dos editores. O propósito das orientações é auxiliá-lo em suas reflexões e motivá-lo a agir ativamente em busca de transformações positivas para sua vida. Conte sempre com um especialista certificado antes de realizar investimentos, adotar estratégias complexas e de risco, contratar seguros ou planos de previdência e adquirir bens de alto valor. O especialista é a pessoa qualificada para ajustar as reflexões aqui tratadas às particularidades de cada indivíduo.

edição: Virginie Leite

revisão: Luis Américo Costa e Tereza da Rocha

projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: DuatDesign

imagem de capa: © American Images Inc/ The Image Bank/ Getty Images

música “Vida boa” (p. 76): 2007 por Momentos Editora Ltda. – EPP

impressão e acabamento:

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C391r Cerbasi, Gustavo
A riqueza da vida simples/ Gustavo Cerbasi. Rio de Janeiro:
Sextante, 2019.

176 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-431-0745-5

1. Finanças pessoais. 2. Estilo de vida. 3. Pensamento novo.
4. Riqueza. 5. Sucesso. I. Título.

19-56239

CDD: 332.024


CDU: 330.567.2

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Sumário

Introdução	7
1. O que é preciso para prosperar?	11
2. Quando o método tradicional não funciona	27
3. Planos novos para quando os velhos fracassarem	41
4. Você tem opções	51
5. A riqueza da vida simples	67
6. Autoconhecimento gera autenticidade	87
7. No mínimo, a essência	97
8. Protótipo da vida futura	115
9. A casa inteligente	129
10. Blindando a aposentadoria	149
11. Riqueza essencial	163
Agradecimentos	172

Ser rico é ter
fartura daquilo
que é importante
para você.

 [gustavocerbasi](#)

Introdução

Confesso que relutei em começar a escrever este livro. Após ter publicado 15 títulos,¹ considerava minha obra completa em termos de orientações que poderia passar a meus leitores sobre como planejar suas finanças – ou sobre como se organizar para garantir que grandes planos sejam realizados.

Desde o lançamento de *Adeus, aposentadoria*, em 2015, dediquei-me a trabalhar predominantemente os aspectos emocionais do planejamento (ou da falta dele) para construir uma prosperidade palpável e viável para todos. Com essa obra, virei do avesso as premissas de um planejamento tradicional (sacrificar, economizar, acumular e desfrutar) para atender também às pessoas que não se enquadravam nesse modelo. Não consegue economizar? Mude sua vida! Não conseguirá se aposentar aos 65? Aposente-se mais tarde! Não aguentará trabalhar tanto? Planeje-se para uma carreira mais prazerosa! Acha que estará velho ao se aposentar? Cuide mais de sua saúde e de sua mente!

Adeus, aposentadoria trouxe alento e alívio a quem se sentia sufocado pelas orientações para poupar. Porém, eu baseava minhas re-

¹ Você encontra a relação completa de meus livros em www.gustavocerbasi.com.br/livros.

comendações em algumas iniciativas bastante contundentes. Por que você não se muda para uma casa menor? Por que não escolhe um automóvel mais barato? Por que não adota um estilo de vida mais simples?

Nesse ponto, eu esbarrava em dois sentimentos de resistência por parte de meus leitores. Primeiro, há quem não tenha o que cortar. Seria ótimo reduzir o padrão de moradia, desde que a pessoa tivesse uma casa ou não pagasse aluguel no bairro mais barato da cidade. Seria bom ter um automóvel mais barato, desde que a pessoa não andasse de ônibus. Como simplificar um estilo de vida que já está no osso?

Outro sentimento que identifiquei entre meus leitores e seguidores nas redes sociais foi o de resistir a simplificar o padrão de vida, mesmo quando possível. É fácil entender: nós nos esforçamos para evoluir, sentimos dificuldade em reconhecer nossos erros e fracassos e temos uma forte resistência emocional a nos desfazer de más escolhas – principalmente as complexas, como imóvel, trabalho e automóvel – para enquadrar nosso orçamento no que seria um nível equilibrado.

Voltar atrás não é uma tarefa simples, mesmo que seja um processo de tomar impulso para avançar, pois, nesse caso, deve-se considerar a incerteza em relação ao desenrolar dos acontecimentos. Melhor ficar como estamos, ainda que não seja uma situação favorável, ou arriscar algo melhor? O medo é um reflexo – saudável, diga-se de passagem – da falta de conhecimento dos riscos e possibilidades.

Minha proposta, ao escrever este livro, é apresentar caminhos objetivos para acabar com essas objeções. Nas próximas páginas, provo que a independência financeira é viável mesmo que sua renda seja baixa. Que viver bem é possível mesmo que você more em uma comunidade desassistida pelo Estado. Que você pode aumentar seu conforto e sua qualidade de vida mesmo quando abre mão de sofisticação e status, ou que pode manter seu status mesmo quando abre mão de grande parte de seus gastos.

Minha intenção é provar que enriquecer é uma questão de escolha, independentemente de quão limitadas sejam suas opções. Vou mostrar um caminho que a maioria das pessoas acredita que não existe.

Em diversos trechos do livro, refiro-me a *meus alunos*. Em títulos anteriores, eu falava dos meus leitores, do público das palestras e de clientes de consultoria. Mas, atualmente, meu trabalho se concentra nas redes sociais e no meu curso on-line Inteligência Financeira. Uso as redes sociais principalmente para transmitir conhecimento e referências de uma riqueza que considero saudável e sustentável, por isso trato meus seguidores como alunos.

Acrescento um ponto importante: muitos de meus seguidores, ou alunos, fazem a ressalva de que, para uma pessoa enriquecer, outra tem que empobrecer. Ou, então, que a lógica capitalista que nos permite prosperar é insustentável, gerando pobreza em grande parte do mundo, excesso de lixo e um desequilíbrio que não será possível manter a longo prazo. Meu objetivo é provar que essa visão está errada.

A riqueza da vida simples trata de soluções para prosperar sem destruir, para construir um futuro rico sem abrir mão da qualidade de vida presente, para saber identificar e praticar a riqueza que, consciente ou inconscientemente, todos queremos ter, mas não sabemos onde encontrar.

Escrevi, propositalmente, um texto leve para que mergulhar nele seja uma decisão simples de colocar em prática. Espero, sinceramente, que este livro lhe proporcione horas inspiradoras e agradáveis – e, sem falsa modéstia, que sua vida seja outra, muito melhor e próspera, após a leitura.

Pare e pense: você
trabalha para viver
ou apenas vive para
trabalhar?

 [gustavocerbasi](#)

O que é preciso para prosperar?

Ilusões

Menos de 2% dos bilhões de habitantes da Terra têm condições de viver até o fim de suas vidas sem preocupações financeiras. Não são, necessariamente, pessoas ricas em termos literais, ou seja, com grandes fortunas acumuladas, mas sim que não dependerão do auxílio de terceiros para custear suas necessidades no futuro. São pessoas que reúnem, em algum grau, o que chamo de independência financeira – algumas com muito dinheiro, muitas com poucas necessidades.

Um número tão pequeno de seres humanos bem-sucedidos pode sugerir que prosperar é para poucos. Essa crença limitante leva muita gente a buscar conforto em estratégias comprovadamente malsucedidas, baseadas em atalhos ou apostas com poucas chances de sucesso. Algumas delas são:

- A ilusão do emprego público;
- A esperança das loterias;
- A busca de um padrinho ou mentor que abra portas;
- O voto em políticos populistas;
- A dedicação incondicional a um emprego que não será eterno;

- A bajulação de parentes ricos;
- Investimentos milagrosos;
- Negócios que prometem ganhos fáceis ou rápidos;
- Mimar filhos para que eles paguem suas contas no futuro.

Talvez você não concorde com o rótulo de malsucedidas que dei a algumas das estratégias acima. Mas, depois de estudar cada uma delas em detalhes com os alunos de meu curso Inteligência Financeira, a conclusão a que chegamos foi de que atalhos podem, sim, dar certo, porém a estatística de sucesso resulta em números irrelevantes.

O emprego público oferece estabilidade, mas não é suficiente para toda a vida, já que o suposto ganho fixo cai após a aposentadoria, enquanto os custos para viver aumentam. Ganhar na loteria é tão improvável que ela pode ser entendida como um imposto (a arrecadação é voluntária, mas com destinação pública) cobrado somente daqueles que são muito ruins em estatística. Loterias sem conhecimento levam a perdas e depressão – isso está muito bem ilustrado no filme *Até que a sorte nos separe*, baseado em meu best-seller *Casais inteligentes enriquecem juntos*.

Confiar que alguém vai indicá-lo para um emprego, um cargo comissionado ou um time de futebol chega a ser uma atitude ingênua. Mesmo que você conheça alguém que possa lhe abrir portas, as indicações não vão se sustentar por muito tempo sem competência. Ou seja, no fundo, seu sucesso só depende de você.

Eu poderia detalhar cada situação listada anteriormente. Porém, minha intenção é mostrar que não é preciso contar com a sorte. Independentemente de quanto você tem ou ganha, se fizer escolhas conscientes, pautadas em uma vida de qualidade – mas não de luxo – no presente, seu futuro pode ser muito mais tranquilo e sem privações. Sua vida pode ser muito mais rica do que foi até hoje, desde que você refine sua percepção do que realmente quer e fortaleça sua habilidade de decidir.

O método é bem conhecido

Em meus livros anteriores, destilei a regra essencial para prosperar: *gaste menos do que você ganha e invista bem a diferença*. Poucas pessoas ignoram esse princípio. Porém, a maioria tem, supostamente, fortes argumentos para não colocá-lo em prática.

Um desses argumentos é não saber investir, o que, na verdade, é uma mera desculpa de quem ainda não tentou investir. Investir é comprar algo e depois revender (às vezes, *resgatar*) a um preço maior do que foi pago na compra. É investidor quem compra e vende ações, opções, fundos, títulos financeiros e bens em leilões. Mas não deixa de ser investidor quem fuça em mercados on-line e classificados, compra algo que sabidamente está barato e depois revende com lucro, tendo feito ou não algumas melhorias.

Sacoleiros, feirantes, comerciantes, “roleiros”² e agricultores, por exemplo, também podem ser considerados investidores, pois assumem riscos ao investir em algo que não sabem, ao certo, quando ou por quanto irão vender.

Em *Investimentos inteligentes*, mostro que um investidor com um patrimônio de R\$ 2 milhões no mercado financeiro pode garantir, sem riscos significativos e para o resto de sua vida, uma renda de R\$ 10 mil mensais. No mesmo livro, explico como e com qual estratégia acumular esse valor, e quais cuidados tomar para que a renda obtida seja perpétua.

Chegar a R\$ 2 milhões é um sonho muito distante para você? Em *Adeus, aposentadoria* explico detalhadamente que a mesma renda de R\$ 10 mil pode ser obtida se você tiver uma reserva financeira de algumas dezenas de milhares de reais (resultado da venda de um carro ou de um imóvel, por exemplo) e somar a essa reserva seu suor e um bom plano para montar um pequeno negócio próprio bem-sucedido.

² Roleiro é aquele que, na linguagem popular, “faz rolo”, ou seja, ganha intermediando negociações de itens de qualquer valor.

Meu objetivo, neste livro, não é detalhar estratégias de investimento. Se quiser aprender mais sobre elas, recomendo a leitura das duas obras que citei. Fato é que, em um país como o Brasil, continental, com um mercado financeiro bem estruturado e acessível a todos, potencialmente rico e em desenvolvimento, investir não é um problema, e não saber investir é apenas sinal de que falta a você desenvolver uma habilidade, ou adquirir um conjunto de conhecimentos.

Dê um pouco de dinheiro a uma pessoa com vontade de aprender e com os pés no chão e ela poderá aproveitar as incontáveis oportunidades de investir que batem a sua porta todos os dias. O problema é que, para a maioria das pessoas, o que falta é justamente essa sobra de dinheiro para poder fazer boas escolhas.

Ricos sem dinheiro

Não me refiro aos miseráveis apenas. Mesmo uma família com renda bem acima da média da população sofre com as incertezas em relação ao futuro. O majestoso padrão de vida conquistado com uma posição diferenciada na carreira, com renda na casa das dezenas de milhares de reais mensais, pode despertar atenção e inveja alheia, mas normalmente sufoca a família com preocupações e incertezas.

A boa escola, o bom plano de saúde, o bom carro comprado por influência das escolhas dos colegas, a boa moradia no condomínio sugerido pelo chefe, a roupa de grife e da moda, para não sofrer olhares de reprovação, trazem também uma cadeia de custos, impostos e manutenção – raramente planejados com antecedência – que impossibilita poupar no ritmo recomendado.

Uma vez conquistado o status, como voltar atrás? O que descartar de um padrão de vida em que um gasto puxa outro? Pode parecer fácil para quem não desfruta de tais benesses, mas aqui não se trata de escolher o que cortar, mas sim de reconhecer erros e voltar atrás – esse, sim, um desafio para qualquer ser humano. É difícil, ou não é natural, admitir que erramos.

Situação pior que essa é quando o status é conquistado não por uma decisão da família, mas por benefícios concedidos pelo empregador. Em uma situação em que plano de saúde, escola, automóvel e moradia são total ou parcialmente mantidos pela empresa para a qual um dos provedores trabalha, a possibilidade de desemprego é como uma assombração que ronda a casa de tempos em tempos. Pior: há a certeza de que algum dia esse fantasma irá realmente atacar e jogar a família em uma realidade de escolhas limitadas e, provavelmente, de angústia e depressão.

Pobres com pouca margem de escolha

A situação de quem ganha abaixo do ideal³ não é muito diferente. O dinheiro mal dá para fechar a conta de alimentação, remédios, moradia precária e transporte. Lazer só quando é gratuito. Energia e TV por assinatura nem sempre são pagas (o conhecido “gato”). Pequenos itens de conforto, só de segunda mão ou doados. Roupas da moda, nem pensar. No máximo, uma peça comprada em brechó ou no chamado comércio paralelo (ou pirata).

Nessa situação limítrofe, sugerir poupar para o futuro é como rir da desgraça alheia. Como pensar no futuro, se nem o presente é digno de orgulho? Se apertar, sobra, mas mal dá para um cineminha com os filhos.

Daria para mudar a situação desde que a pessoa entendesse que a baixa renda é resultado da baixa capacidade de transformar e de resolver problemas. Para transformar essa realidade, seria preciso se qualificar, *investir* em cursos que capacitassem a pessoa a fazer trabalhos diferenciados e de maior valor agregado.

O fato é que, de novo, a questão não é de cortar gastos ou não,

³ Segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), em fevereiro de 2019, o salário ideal para sustentar uma família de um casal e dois filhos era cerca de quatro vezes o salário mínimo vigente. Fonte: www.dieese.org.br.

mas sim de reconhecer erros e voltar atrás. Escolhas ruins, como não ter se aplicado nos estudos na juventude ou não ter dedicado horas livres a cursos técnicos, trouxeram a pessoa à situação atual, e novas escolhas exigem tempo (que muitas vezes é consumido em horas de transporte para o trabalho, em afazeres domésticos e cuidados com os filhos) e dinheiro. Existem cursos profissionalizantes gratuitos, mas, obviamente, os cursos diferenciados têm um custo.

É por isso que, diante de algum dinheiro poupado em razão daquele bico ou de horas extras, é má escolha comprar algo que está fazendo falta à família, mas que não precisa ser adquirido imediatamente. No lugar de gastar esse dinheiro, seria melhor usá-lo para, no raro tempo livre (que nem sempre deve ser usado para o descanso), investir no seu desenvolvimento profissional. Talvez um curso que capacite a exercer uma atividade mais qualificada e obter uma renda maior, talvez uma ferramenta de trabalho que permita produzir e faturar mais. Ganhando mais, não será tão raro ter tempo livre e algum dinheiro sobrando – e, com isso, a margem de escolha aumenta. Essa é a lógica que aprofundo no livro *Mais tempo, mais dinheiro*, que escrevi em parceria com Christian Barbosa.

A classe média sofre mais

Entre os extremos dos endinheirados com escolhas engessadas e dos mal remunerados que acreditam não ter escolha, temos a chamada classe média. Sem dúvida, a camada da população que mais sofre com problemas financeiros. Não é difícil entender o porquê.

Enquanto os endinheirados sofrem com conforto (para se arrependem nas décadas finais da vida) e os mal remunerados não ambicionam muito além de sua rotina de trabalho e seu consumo básico, a classe média sonha muito – e sonha alto. Afinal, essa é a maior parcela da população, e aquela a que são direcionados todos os programas de crédito e a maior parte das campanhas publicitárias.

A classe média batalha para ter a casa própria. Consegue com a

“ajuda” do crédito, paga com sofreguidão suas prestações (que, na maior parte, correspondem ao aluguel do dinheiro do banco) e tem dificuldade para arcar com a decoração, os impostos, os custos e a manutenção dessa casa. Como costuma fazer uma única aquisição desse porte na vida e se arrepender da experiência, acaba não aproveitando o que aprendeu para tomar decisões melhores no futuro. A resistência a assumir o erro dificulta que a lição seja passada aos filhos. Na busca de uma vida de qualidade, passa-se, na verdade, por uma insatisfatória vida de impostos, custos e limitações.

O padrão de vida que escolhemos

Independentemente de quanto recebemos pelo nosso trabalho ou de nossos investimentos, o que determina nossa saúde financeira são nossos gastos. Em outras palavras, não é a nossa renda, mas sim o nosso consumo que determina se teremos ou não dificuldades financeiras, se somos ricos ou não.

A renda é, sem dúvida, um limitador de nossas escolhas. Mas ainda temos liberdade de escolha enquanto não decidimos onde e como morar, como nos deslocar para o trabalho, como nos educar, como nos alimentar.

Ao longo deste livro, chamarei de *padrão de vida* o resultado das escolhas feitas depois de se ponderar se é possível ou não arcar com determinadas despesas fixas – ou seja, estou falando do conjunto de gastos que engloba moradia (incluindo-se aí aluguel ou prestação da casa própria, condomínio, IPTU, contas de luz, gás, água e telefone), estilo de alimentação, saúde e educação, meios de transporte, forma de lazer e nível de segurança de uma família. As escolhas resultarão em mais ou menos sofisticação, mais ou menos conforto ou conveniência e, conseqüentemente, mais ou menos gastos.

Em geral, quanto menos se conhece o padrão de vida que se está procurando assumir – caso de quem, por exemplo, está ascendendo na pirâmide social –, maior é a probabilidade de se subestimar as conse-

quências de uma determinada escolha. Por exemplo, a compra de um automóvel mais sofisticado pode resultar em gastos inesperados com manutenção e estacionamento. Ou o esforço para matricular os filhos em uma escola mais cara pode resultar em desembolsos maiores com material escolar, passeios e festas com os novos amigos do colégio.

Podemos considerar, então, que as dificuldades financeiras começam quando acreditamos que podemos adotar um padrão de vida mais elevado (ou mais caro) do que nossa renda realmente permite. Ou que a renda até comporta no momento da decisão, mas que não comportará ao longo do tempo – o que pode ser chamado de padrão de vida insustentável.

Solução tradicional

As dificuldades que descrevi são exemplos do que seriam os comportamentos financeiros médios de diferentes classes sociais. Assim como há um padrão nos comportamentos, há também na orientação a essas pessoas e na busca de solução desses desequilíbrios. Porém, nem sempre as recomendações conduzem a resultados satisfatórios.

Em geral, consultores e educadores financeiros propõem que o fortalecimento financeiro seja alcançado com base em dois pilares: *economizar* e *investir*. Em outras palavras, cortar gastos e selecionar alguma forma segura, eficiente e compreensível de multiplicar as reservas.

A dificuldade de economizar

Até aqui, já temos dificuldades suficientes para inviabilizar a prática dessas orientações. *Economizar* é uma escolha, mas levemos em consideração que muitas pessoas ou famílias começam seu plano de enriquecimento já sufocadas por más escolhas passadas, a maior parte delas na tentativa de compor um padrão de vida idealizado. Economizar significa reconhecer erros e se desfazer de um conforto já conquistado – ao menos, teoricamente conquistado.

O que determina nossa saúde financeira são nossos gastos. Em outras palavras, não é a nossa renda, mas sim o nosso consumo que determina se teremos ou não dificuldades financeiras, se somos ricos ou não.

 [gustavocerbasi](#)

Dada a dificuldade de reconhecer que o erro pode estar no exagero cometido ao definir o padrão de vida, em geral a economia é feita em itens que podem ser descartados facilmente: passeios, cuidados pessoais, lazer avulso, cursos rápidos, presentes, gastos com pequenos rituais diários. Para ajudar, aquele seu blog favorito traz dezenas de dicas de economia típicas de um obcecado pelo assunto. Faça contas para tudo, pesquise tudo, passe a madrugada acumulando milhas, economize na farinha do bolo, deixe de chamar amigos a sua casa, faça exercícios por conta própria, sem orientação de um especialista. A ideia é enriquecer, mesmo que sem amigos e com o joelho lesionado.

O tempo se encarrega de mostrar que seguir esse caminho é uma prática insustentável. Talvez, empolgados com uma boa leitura, uma boa palestra ou um bom vídeo, até consigamos praticar, por um tempo, a rotina de colocar tudo na ponta do lápis. Porém, em algum momento percebemos que a agenda consumida por pesquisa e controle também tem seu preço. Tanto esforço para tanta economia nos desgasta, nos afasta das pessoas que amamos e de nossas responsabilidades, nos torna mais insensíveis e, pior, quando nos damos conta, o tempo que era empregado em atividades e rotinas prazerosas passa a ser tomado por controles e pesquisas.

Há uma forte probabilidade de controles desse tipo serem abandonados quando nos dermos conta de que milhares de pequenas economias são, na verdade, milhares de ataques a alegrias diárias que compõem uma parte importante daquilo que podemos chamar de *felicidade*.

No fundo, acabamos por abandonar hábitos excessivamente racionais porque, sem nos darmos conta, nosso cérebro entende que é melhor estar endividado e feliz do que endinheirado e entediado.

Não estou julgando o esforço de economizar. Ele é necessário. O que estou julgando é o método de poupança mais comumente propagado, que é extremamente ineficaz e insustentável. Nada que corrói sua felicidade será suportado por muito tempo.

Mas digamos que a pessoa conseguiu economizar. Pela solução tradicional apresentada pela maioria dos educadores e consultores financeiros, o próximo passo seria investir.

Investir é para todos?

Resgato aqui a definição de investir: selecionar alguma forma segura, eficiente e compreensível de multiplicar as reservas. Coloquemos, agora, essa simples definição entre as obrigações do cidadão comum. Se você quer investir, precisa estudar ou pesquisar para entender como *multiplicar* suas reservas. Além disso, tem que fazer isso por meio de produtos ou estratégias que sejam compreensíveis, pois, de tempos em tempos, você receberá informações nas quais irá se basear para fazer – ou não, se oportuno – ajustes em sua estratégia. Suas escolhas de investimento precisam ser *eficientes*, sem roubar desnecessariamente seu tempo nem impor riscos que possam destruir a estratégia no futuro.

Não se esqueça de avaliar se seus investimentos são *seguros*, isto é, registrados e fiscalizados por um órgão regulador ou, ao menos, devidamente documentados. Por fim, para investir, você precisará *selecionar*, ou seja, discernir entre as incontáveis possibilidades existentes, no mercado financeiro ou fora dele, de multiplicar suas reservas.

Não se desespere. Há método para aprender a investir, e todo investidor profissional já foi, um dia, absolutamente leigo nessa área. No livro *Investimentos inteligentes*, eu ensino todo o processo: como montar um plano, selecionar um mercado, estudar esse mercado e gradualmente se envolver na estratégia.

Entretanto, se para investir é preciso estudar e praticar, e a educação financeira é assunto relativamente recente na realidade brasileira, inúmeras pessoas podem estar sendo orientadas a praticar algo que pouco conhecem ou desconhecem totalmente. É provável que estejam caindo mais em armadilhas comerciais do que se educando.

Talvez você já tenha passado pela experiência de seguir a recomendação do seu blog favorito para investir na corretora X ou investir no produto Y e, dias depois, estar amargando perdas ou ter dificuldade para sacar seu dinheiro. Pior ainda é o caso daqueles que, buscando atalhos para enriquecer sem esforço, caem na lãbia de alguém famoso ou de um vídeo bonito e acabam investindo em uma pirâmide financeira ou outro tipo de golpe.

Não faltam armadilhas, mas a quase totalidade delas tem como alvo dois tipos de pessoa: os ignorantes e os gananciosos.

Investir é, sim, para todos, mas existe um processo para você se tornar um investidor bem-sucedido. É preciso, antes de tudo, ter interesse, se dedicar, estudar, se envolver, montar uma estratégia e segui-la com parcimônia e paciência. Atalhos existem, mas normalmente só são identificados quando se está seguindo uma estratégia sólida.

Pode ser que você constate que não tem interesse em entender de investimentos. Isso pode acontecer porque você não tem tempo para aprender, porque não gosta do assunto ou porque, preconceituosamente, crê que não quer lucrar em cima do desconhecimento alheio, entre outras possibilidades. Estará, por isso, condenado à falta de liberdade financeira? Felizmente, não.

Consciência das limitações

O primeiro passo para fazer boas escolhas é entender quais são suas limitações. Digamos que você:

- Tentou, mas não consegue entender de investimentos;
- Não tem (ou não quer ter) tempo para aprender sobre investimentos;
- Acredita que está começando tarde seus planos;
- Acredita que poupará menos do que o ideal;
- Fez as contas e concluiu que sua aposentadoria será frustrante e limitada.

Nenhuma dessas situações inviabiliza a conquista de sua independência financeira. Em *Adeus, aposentadoria* propus uma forma de planejamento que considera que precisaremos ser produtivos por mais tempo do que o convencionado pela sociedade. Na prática, desenvolvi a teoria a partir de minhas consultorias e das ideias que deram origem ao meu curso on-line Inteligência Financeira.⁴ Não é difícil entender sua lógica e por que ela é tão bem-sucedida.

Pense comigo. Se suas contas não fecham para se aposentar aos 65 anos, por que não se aposentar aos 75? Você acha que é tarde? Será tarde mesmo ou será que o problema é você não estar planejando sua carreira para que se torne mais leve, gratificante e apaixonante com o passar do tempo? Se você acha que não terá saúde para trabalhar até os 75 anos, ou até os 85, ou mesmo 95, é porque está trabalhando demais (provavelmente para manter um padrão de vida insustentável), sem tempo para planejar sua carreira de forma adequada e para cuidar de si mesmo. Desse jeito, a carreira e a saúde se esgotam mesmo.

A lógica de *Adeus, aposentadoria* foi construída com base na ideia de que nem todos querem ou conseguem poupar no ritmo adequado e que é possível garantir a independência financeira fundada em sete pilares:

1. Não há futuro rico se seu presente for pobre (consoma qualidade de vida);
2. Não tenha pressa de se aposentar;
3. Cuide de sua saúde e de seu bem-estar para se manter produtivo por mais tempo;
4. Planeje sua carreira para que ela se desenvolva de forma a se tornar cada vez mais prazerosa;
5. Não poupe muito, mas invista bem (menor quantidade e maior qualidade);

⁴ Veja em <http://www.gustavocerbasi.com.br/curso-inteligencia-financeira/>.

6. Adote um novo padrão de educação, com três níveis de evolução: para o trabalho, para empreender e para investir;
7. Prepare-se para empreender após deixar de ser empregado.

Essa flexibilidade no planejamento financeiro foi criada não apenas para dar um alento a quem não se enquadra no modelo tradicional de economizar e investir, mas também para mostrar um caminho alternativo poderoso e viável.

Testado em dezenas de milhares de alunos do meu curso Inteligência Financeira, o método comprovou sua força ao contrapor o tradicional esforço de economizar e poupar com vistas a um futuro hipoteticamente seguro a uma forma de planejar que reúne qualidades como:

- Não se privar e valorizar o momento presente vivido com qualidade;
- Construir o futuro sem estabelecer uma data estressante para deixar de trabalhar (não é a vontade de todos) e começar a desfrutar a vida (sem reunir condições suficientes para isso);
- Educar-se continuamente;
- Valorizar cuidados com a saúde e o bem-estar;
- Fomentar práticas empreendedoras, que trazem um sentimento de liberdade e autonomia.

Tais qualidades aumentam a probabilidade de o planejamento ser bem-sucedido, pois geram uma sensação motivadora de construção e aproveitamento, bem diferente do sentimento de privação presente e preocupação com o futuro do método tradicional.

Essa leveza característica do novo modelo de planejamento que proponho é determinante para que as pessoas estejam mais abertas às orientações. Isso diminui o sentimento de cobrança (típico da educação financeira tradicional) e cria as condições necessárias para que a pessoa consiga reavaliar suas escolhas.

É esse processo, mais comportamental e motivacional do que lógico-racional, que estimula aqueles que erraram ao fazer escolhas

passadas a reconhecer seus desacertos e aceitar dar um passo atrás. Não se trata, porém, de aceitar uma condição inferior, mas sim de usar esse passo atrás para ganhar impulso e dar um grande salto à frente, como veremos a seguir.

O inevitável

Estamos discutindo planejamento financeiro. Meu papel é mostrar caminhos para que a falta de dinheiro não seja um problema para você.

A premissa inicial é que você precisa equilibrar sua vida presente e encontrar alguma forma de prover suas necessidades no futuro. Para resolver isso, há dois caminhos:

- Acumular recursos que permitam gerar a renda de que você precisa;
- Diminuir a necessidade de renda futura.

De uma maneira ou de outra, você precisará investir, pois, para diminuir sua necessidade, será preciso criar alguma forma de autossuficiência. Pode ser uma terra para plantar, o negócio oportuno ou aquela ação barata que se valorizará e pagará bons dividendos. Explicarei, adiante, que é possível se concentrar também na redução dos custos, investindo em formas de gerar a própria energia, obter sua água, preparar seu alimento, ter moradia sem os gastos elevados da cidade.

Se a sociedade ruma para um futuro muito diferente do atual, que não conseguimos prever exatamente como será, uma forma de se blindar contra fracassos é investir em conhecimento.

A base da tranquilidade futura é o investimento presente.

Investir é uma questão de escolha. Para investir, muito ou pouco, trabalhando ou empreendendo, é preciso fazer sobrar. Para sobrar, você tem que decidir apenas não gastar tudo que ganha de seu trabalho ou de suas negociações, ou então desenvolver a habilidade de ganhar mais do que precisa para viver.

Até aqui, desenvolvi o raciocínio para motivar meus leitores a duas ações bastante simples:

PARE E PENSE.

O que você tem feito com o resultado de seu aprendizado, de seu trabalho, de seu suor, da energia diária que recarrega a cada noite de sono? Você está evoluindo na vida? Ou apenas seus gastos evoluem?

A vida moderna, sufocada pela falta de tempo e pelo excesso de tarefas e obrigações, vem nos privando da capacidade que nos distingue dos animais: a habilidade de pensar além do presente, de raciocinar e de antecipar as consequências futuras de nossas decisões.

Pare e pense: você trabalha para viver ou apenas vive para trabalhar? Você faz dinheiro (esse é o termo correto, afinal, *ganhar dinheiro* é coisa de quem recebe mesada) para colecionar boletos ou para criar uma vida cada vez melhor?

Perceba como a linha de raciocínio que desenvolvi até agora é incisivamente instintiva: viver com qualidade, cuidar bem do presente, criar estratégias para construir um futuro seguro, mas de modo que essa construção seja leve e inspirada, não imposta e sofrida. Faz sentido?

Essa é a base do que discutiremos daqui para a frente. Vamos às soluções.

CONHEÇA OS LIVROS DE GUSTAVO CERBASI

Mais tempo, mais dinheiro
Casais inteligentes enriquecem juntos
Adeus, aposentadoria
Pais inteligentes enriquecem seus filhos
Dinheiro: Os segredos de quem tem
Como organizar sua vida financeira
Investimentos inteligentes
Empreendedores inteligentes enriquecem mais
Os segredos dos casais inteligentes
A riqueza da vida simples

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

